

TRABALHOS DE PESQUISA

IDENTIFICAÇÃO POLÍTICA E SUA RELAÇÃO COM AS ATITUDES DIANTE DA EDUCAÇÃO SEXUAL

Lorena Gonçalves Rodrigues¹ , Fernanda Dias Brandão² , João Gabriel Modesto³ 

POLITICAL IDENTIFICATION AND ITS RELATION TO ATTITUDES FACING SEX EDUCATION

LA IDENTIFICACIÓN POLÍTICA Y SU RELACIÓN CON LAS ACTITUDES HACIA LA EDUCACIÓN SEXUAL

Resumo: Temáticas que envolvem educação sexual sempre estiveram à margem do currículo escolar, principalmente por questões políticas e sociais e, decorrente disso, existem diversas consequências na forma como as pessoas se comportam. Desse modo, o presente estudo tem como objetivo investigar como a identificação política pode afetar a atitude das pessoas perante a educação sexual. A amostra contou com 216 pessoas que responderam um questionário de dados sociodemográficos, atitudes em face da educação sexual e, por último, temáticas em educação sexual. Os resultados evidenciaram que quanto mais as pessoas apresentam uma identidade política à direita, mais negativa é a atitude diante da educação sexual. Além disso, pessoas que se consideram do gênero feminino são mais favoráveis à educação sexual quando comparadas às pessoas do gênero masculino. Apesar disso, de maneira geral, as pessoas apresentaram atitudes favoráveis à educação sexual, embora as temáticas de abstinência sexual, erotismo, sexo oral, sexo anal e sonhos eróticos tenham sido alvo de atitudes menos positivas. Conclui-se que um dos fatores que influenciam diretamente as atitudes perante a educação sexual é a forma como o sujeito se identifica politicamente, embora, de forma geral, as atitudes tenham sido positivas na amostra investigada.

Palavras-Chave: Educação sexual; Identificação política; Sexualidade.

Abstract: Themes involving sex education have always been ostracized within the school curriculum, mainly due to political and social issues and, as a result, there are several consequences in the way people behave. Thus, the present study aims to investigate how political identification can affect people's attitude towards sex education. The sample consisted of 216 people who answered a questionnaire with sociodemographic data, attitudes towards sex education, and, finally, themes in sex education. The results showed that the more people leans towards the right-wing regarding political identification, the more negative the individual's attitude towards sex education is. In addition, people who consider themselves female are more favorable to sex education when compared to people of the male gender, despite the themes regarding sexual abstinence, eroticism, oral sex, anal sex, and erotic dreams have been the target of less positive attitudes. It was possible to conclude that one of the factors which directly influences attitudes towards sex education is the way the subject identifies politically, however, generally speaking, the attitudes were mostly positive in the investigated samples.

Keywords: Sex Education; Political Identification; Sexuality.

Resumen: Los temas relacionados con la educación sexual siempre han estado al margen del currículo escolar debido principalmente a cuestiones políticas y sociales y, como resultado, hay varias consecuencias en la forma de comportarse de las personas. Por lo tanto, el presente estudio tiene como objetivo investigar cómo la identificación política puede afectar la actitud de las personas hacia la educación sexual. La muestra incluyó a 216 personas que respondieron a un cuestionario de datos sociodemográficos, actitudes hacia la educación sexual y, finalmente, temas de educación sexual. Los resultados mostraron que cuanto más gente tiene una identidad política en la derecha, más negativa es la actitud del individuo hacia la educación sexual. Además, las personas que se consideran del género femenino son más favorables a la



¹Graduanda em Psicologia. Centro Universitário de Psicologia, Departamento de Psicologia, Brasília, Brasil. lorena.goncalves@sempreceub.com

²Mestranda em Psicologia. Centro Universitário de Psicologia, Departamento de Psicologia, Brasília, Brasil. bdiasfernanda@sempreceub.com

³Doutor em Psicologia Social. Professor DES IV da Universidade Estadual de Goiás, Programa de Pós-Graduação em Gestão, Educação e Tecnologias, Luziânia, Brasil. Professor Titular do Centro Universitário de Brasília, Programa de Mestrado em Psicologia, Brasília, Brasil. joao.modesto@ueg.br

educação sexual em comparação com as pessoas do gênero masculino. Sem embargo, em geral, as pessoas apresentaram atitudes favoráveis à educação sexual, embora os temas de abstinência sexual, erotismo, sexo oral, sexo anal e sonhos eróticos tenham sido objeto de atitudes menos positivas. Conclui-se que um dos fatores que influenciam diretamente as atitudes em relação à educação sexual é a forma em que o sujeito se identifica politicamente, embora, em geral, as atitudes tenham sido positivas na amostra investigada.

Palavras chave: Educação sexual; Identificação Política; Sexualidade.

Introdução

Em 20/6/2022, uma reportagem do jornal *The Intercept Brasil* divulgou uma série de violências a que uma menina de 11 anos foi submetida ao tentar fazer um aborto legal, após ter sido vítima de estupro (GUIMARÃES; DE LARA; DIAS, 2022). Na ocasião, como geralmente ocorre, diferentes pessoas foram contra a prática do aborto (ainda que previsto em lei), argumentando que “bastaria” a menina de 11 anos “esperar” a criança nascer para entregar para a adoção. Menos de uma semana depois, foi divulgado, ilegalmente, a história de uma atriz de 21 anos que também fora estuprada e, seguindo todos os trâmites legais, entregou a criança para adoção (MANDELLI, 2022). Porém, a atriz também recebeu uma série de críticas, sendo submetida a um conjunto amplo de violências. O posicionamento das pessoas diante dessas situações, de forma direta e indireta, ressalta a importância da discussão sobre questões de gênero, sexualidade e educação sexual. Tendo em vista a relevância acerca dessas temáticas no âmbito da educação, psicologia e política social, o presente estudo busca investigar a relação entre identificação política e atitudes perante a educação sexual.

A educação sexual pode ser entendida como um esforço individual para que ocorra uma transformação nos padrões referentes à sexualidade e ao social. As temáticas desenvolvidas sobre essa educação estiveram à margem do currículo escolar por muitos anos, mas para que o aprendizado seja bem-sucedido na prática é necessário que os educadores estejam totalmente preparados e comprometidos com o propósito para que seja realmente positivo. Percebe-se que esse ensino formal tem sido criticado por alguns, a partir do entendimento de que tal ensino deveria ser papel da família (FIGUEIRÓ, 2020a).

É importante frisar que essa aprendizagem pode ocorrer de duas maneiras igualmente importantes: formal e informal. A formal é considerada como toda ação planejada sobre a sexualidade. Ela pode ocorrer nas escolas ou até mesmo realizada por instituições religiosas. Quanto à informal, ocorre por meio das falas, atitudes, comportamentos e outras ações que não são arquitetadas. Esse tipo de ensino pode ser aprendido, por exemplo, por meio de livros de literatura, músicas, vídeos e conversas casuais com a família e amigos (FIGUEIRÓ, 2020b).

Em estudos de Shin, Lee e Min (2019), foram investigadas as percepções, conhecimentos e atitudes de pais de crianças do ensino fundamental em relação à educação sexual. Foi notado que a maioria dos participantes acredita que a educação sexual é responsabilidade dos pais e que deveria ser iniciada no ensino fundamental. Contraditoriamente, grande parte dos pais se sentem apreensivos ao entrar em temáticas que envolvem a educação sexual com seus filhos, pois, segundo eles, não tinham os conhecimentos necessários para tal. Por conta disso, mais da metade da amostra gostaria de aprender mais sobre o assunto para que, assim, conseguissem conversar e ensinar seus filhos.

Logo, esse fato mostra que para realizar uma educação sexual de forma eficiente, é preciso que se forneça todo tipo de informação, como discussões acerca da sexualidade, reflexões sobre a repressão sexual, dentre diversos outros. Além disso, deveria ocorrer o estabelecimento do pensamento crítico do sujeito e de seus valores, já que essa conduta é extremamente importante para que haja ações saudáveis e preventivas quanto à sexualidade (MAIA; RIBEIRO, 2011).

Diversos estudos empíricos têm buscado compreender diferentes aspectos que permeiam a educação sexual. Por exemplo, Lyu, Shen e Hesketh (2020) realizaram um estudo transversal que tinha como foco analisar como as atitudes, comportamentos e conhecimentos sexuais são influenciados pelas variedades de gênero de estudantes de graduação chineses. Um dos resultados apontou que as participantes do sexo feminino possuem atitudes e comportamentos sexuais mais conservadores, tendo sido constatado que um fator que contribuiu para isso foi a falta de informação acerca da temática. Adicionalmente, a maioria dos

estudantes preferiam buscar informações relacionadas à educação sexual por fontes virtuais.

Em outro estudo, de Jesus Santos e Trindade (2021) mostram como as normas religiosas afetam o padrão de comportamento feminino. De acordo com os autores, entende-se que a sexualidade e a educação sexual são tratadas como tabu no meio religioso, o que afeta a forma como as mulheres entendem seus corpos, bem como a vivência da sexualidade.

Vieira e Matsukura (2017) realizaram entrevistas semiestruturadas com especialistas em educação sexual a partir de um projeto piloto em algumas escolas. Os resultados mostraram que os temas relacionados com sexualidade são abordados principalmente na disciplina de ciências biológicas, focado na fisiologia, anatomia, desenvolvimento e prevenção de infecções sexualmente transmissíveis (IST's). Essa visão fisiológica busca regular o comportamento sexual dos alunos e não entendem a sexualidade em uma dimensão biopsicossocial. O estudo dos autores aponta também que, mesmo com a presença de políticas públicas que favoreçam o estudo da sexualidade de forma complexa, os educadores e as escolas não estão preparados para tal aplicação. Nesse sentido, um dos participantes relatou sua perspectiva sobre a importância de uma formação dos profissionais para que esse tema deixe de ser um tabu na sociedade:

O tabu que a gente carrega mesmo, isso é um grande obstáculo, a questão dos tabus. Porque os alunos não têm muitos tabus. Eles começam, vêm procurar a gente para informação, e às vezes a gente não está muito preparado para lidar com as questões que eles fazem para gente, às vezes é uma coisa muito cabeluda, assim, assustadora. Alguns professores, sim, conseguem lidar com isso muito bem, mas acho que na maioria dos casos há um tabu muito forte em trabalhar questões mais polêmicas sobre sexualidade (VIEIRA; MATSUKURA, 2017, p. 465).

Os resultados deste estudo vão ao encontro do estudo de Maio, Oliveira e Peixoto (2018) que mostra que uma educação inclusiva não deve ser baseada apenas em documentos e discursos, mas sim no comprometimento diário de todas as esferas da educação. Dessa maneira, manifestações sobre uma sexualidade baseada nos preceitos sociais moralizantes devem ser reavaliadas, pois perpetuam tabus que devem ser evitados. Necessita-se aprender além do biológico, vendo a sexualidade como dependente dos fatores culturais e políticos.

Especificamente sobre aspectos políticos, Kantor e Levitz (2017) investigaram como o posicionamento político está relacionado com a adesão à educação sexual nos Estados Unidos. Para isso, 1633 pais que se identificaram como republicanos ou democratas responderam um questionário que buscava entender a importância da educação sexual no contexto escolar. Foi possível notar que os democratas apresentam uma adesão levemente maior que os republicanos ao tratar de temas específicos da educação sexual, como: puberdade, relacionamentos saudáveis, abstinência, IST's e controle de natalidade. Entretanto, de modo geral, a maioria dos participantes reconhece a importância dos temas abordados na educação sexual independente da filiação política, tanto no ensino fundamental quanto no ensino médio. Tais achados, embora tenham sido identificados fora do Brasil, chamam atenção para que a discussão sobre educação sexual se relaciona com a arena política.

Dessa maneira, especificamente sobre a realidade brasileira, ressalta-se que o debate sobre a inserção de temáticas da sexualidade no currículo educacional não é atual, entretanto, o debate em relação às políticas públicas em relação à educação, à sexualidade e à diversidade sexual são pouco discutidas e pouco relacionadas dentro das políticas criadas. A partir de 1995, houve um fortalecimento da discussão sobre essas questões, pois ocorreu uma pressão realizada pelo movimento de mulheres durante o governo de Fernando Henrique Cardoso, que respondeu aos compromissos de uma agenda de gênero e sexualidade, o que favoreceu a retomada dessa pauta (VIANNA, 2012).

As temáticas sobre sexualidade estão colocadas nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de forma transversal na grade escolar. Esse documento prediz os temas e assuntos que necessitam ser trabalhados em sala de aula pelo professor. Mostra, ainda, que essa temática deve ser compreendida na escola a partir da contextualização com o social e cultural. Os assuntos abordados nas salas de aula podem ser diversos, como gravidez indesejada, a epidemia de AIDS, qualidade de vida e outros que são previstos pela Constituição Brasileira (BRASIL, 1997).

A abordagem realizada pelos professores deve ocorrer de forma clara, simples e direta para que a pauta seja absorvida da melhor forma. É importante lembrar que todos os assuntos devem ser trabalhados com

muito respeito pelo próximo e pelo próprio indivíduo abarcando uma ampla gama de conteúdo. A partir disso, o indivíduo irá se desenvolver, transformar e produzir novos valores e concepções sobre a sexualidade. Esse foi um dos motivos que fizeram a sexualidade ser um conteúdo abordado no currículo escolar, já que transpassa diversas áreas da vida do aluno (BRASIL, 1997).

Outrossim, houve influência direta de diversas agências, como Banco Mundial, Unesco dentre outros, que instituíram o processo de composição do Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil e do PCN para o Ensino Fundamental juntamente com o Ministério da Educação e da Cultura. Dessa forma, elaborou-se um currículo de substituição que relaciona gênero e sexualidade nas políticas públicas no processo educacional do Brasil. Ao falar sobre essa proposição, é importante abordar a relevância da Saúde Pública para esse contexto. Esse tema ganhou mais relevância por ser nítido o desconhecimento da população, principalmente, na área da saúde (VIANNA, 2012).

A partir do governo Lula, temáticas relacionadas à diversidade passaram a ser mais reconhecidas. Isso ocorreu por meio de vários atos de negociação com diferentes atores políticos, que focaram na inclusão social em uma organização de novas instituições. Em certo momento, surgiu a Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (Secad), que possuía como foco a associação entre a inclusão social e pelo reconhecimento e valorização da diversidade e debates que não tinham tanta visibilidade na educação pública.

Porém, o estudo transversal e interdisciplinar dos assuntos sobre sexualidade propostos pela PCN, que incentiva a inclusão e o reconhecimento de diversidade, não ocorreu de maneira efetiva, visto que a maioria dos preceitos sobre educação sexual são implementados em aulas de biologia e os profissionais não possuem o preparo necessário para lidar com esse tema de forma aberta e inclusiva (VIEIRA; MATSUKURA, 2017). Isso é decorrente da falta de incentivo financeiro e social do Estado em relação ao preparo dos professores ao lidar com temas de educação sexual (VIANNA, 2012).

A partir de 2015, começaram a surgir discursos antissexuais e contrários à liberdade dos brasileiros por todo país. Isso é resultado da grande influência do conservadorismo sobre os brasileiros. Assim, esse ideal deu frente a fundamentalistas cristãos, provocando uma onda de protestos, atitudes e falas contrárias aos princípios que não estão associados a essa ideologia conservadora. Nota-se que temas relacionados à diversidade sexual, liberdade de expressão, igualdade de gêneros são indesejados por parcela da sociedade e ganham força entre grupos conservadores (RIBEIRO; MONTEIRO, 2019).

Nessa perspectiva, essa parcela se tornou cada vez mais forte e, no ano de 2018, um candidato à presidência da extrema-direita foi eleito, favorecendo com que as novas políticas públicas sejam pautadas em uma moral derivada de princípios religiosos (RIBEIRO; MONTEIRO, 2019). Consequentemente, o ensino de educação sexual se torna prejudicado a partir do momento em que não há espaço para falar sobre sexualidade em um ambiente controlado pela moral advinda da religião. Maio, Oliveira e Peixoto (2018) afirmam que uma educação que é processada por meio dos preceitos da Igreja, como a pregada a partir desse governo, faz com que ocorram deliberações preconceituosas e hostis pelo fato de ter um olhar exclusivamente biologizante sobre o ser humano.

Dessa maneira, o novo cenário político vivido no Brasil, determinado por inúmeras ameaças à democracia e situações que violam os direitos dos cidadãos ao inibir as lutas por direitos dos movimentos sociais e por uma educação de qualidade, transformam o contexto social (RODRIGUES DE SOUSA, 2021). Como exemplo desses acontecimentos, percebe-se projetos de leis que preveem o empobrecimento intelectual das escolas, como o projeto de Lei nº 1.516/2015 no ano de 2020, que proíbe as discussões acerca da “ideologia de gênero” nas salas de aula. Essa Lei fere o direito à igualdade, de ensino e de divulgação de pensamento e, assim, foi tratada como inconstitucional pela Procuradoria Geral da República (BRASIL, 2020).

Por fim, Figueiró (2020) afirma que a sexualidade deve abarcar todos os meios, pois é compreendida a partir de construções sociais formadas tanto pela economia quanto pelo modelo político vigente. Desse modo, a sexualidade como dispositivo histórico pode ser dialogada de diferentes modos e isso está intrinsecamente ligado às políticas públicas desenvolvidas em certo período histórico. Consequentemente, o modo como a educação sexual é dialogada no país sofre influência desse modelo vigente. Tendo isso em vista, considerando o cenário político brasileiro atual, a presente pesquisa tem como objetivo investigar a relação entre identificação política e atitudes frente à educação sexual. Formulou-se como hipótese que pessoas com identificação política à esquerda seriam mais favoráveis à educação sexual e, consequentemente, teriam uma

atitude positiva frente à educação sexual. Por outro lado, pessoas com identificação política à direita apresentariam uma atitude mais negativa.

Método

Participantes

Participaram da pesquisa 216 pessoas, sendo os critérios para participação: dispor de um dispositivo eletrônico e possuir mais de 18 anos. Assim, sete participantes foram excluídos do estudo por não atenderem os critérios de idade mínima. Dos 209 respondentes válidos, 77,5% se consideram do gênero feminino. Além disso, as idades dos participantes variaram entre 18 e 57 anos ($M = 24,86$; $DP = 7,80$), 53,6% possuem o ensino superior incompleto e 46,4% com renda salarial de mais de 6 salários mínimos. Cerca de 44% não possui religião e 71,8% indicaram a identificação política à esquerda.

Instrumentos

Atitudes perante a Educação Sexual

Foi aplicado um questionário adaptado de Reis e Vilar (2004), no qual estão inclusas três dimensões: avaliativa, cognitiva e emocional. Contudo, foram excluídos dois itens do questionário original (“Só os professores de Biologia têm responsabilidade na educação sexual.” e “Todos os professores têm responsabilidades na educação sexual dos seus alunos.”), por não entrarem diretamente no objetivo da pesquisa. No presente estudo, foi utilizada apenas a dimensão avaliativa composta por oito itens, sendo quatro positivos, como “A educação sexual nas escolas é muito importante para as crianças e jovens”, e quatro negativos, como “São aos pais e não à escola que compete a educação sexual das crianças e jovens”. Todos os itens foram classificados em uma escala likert de 5 pontos, sendo 1 “discordo totalmente” e 5 “concordo totalmente”. Destaca-se que o alfa de Cronbach desta medida foi de 0,70, considerado satisfatório.

Temas em educação sexual

A partir de uma adaptação do questionário elaborado por Alvaro (2018), os participantes deveriam indicar o quão confortáveis se sentiam nas 28 temáticas apresentadas nas PCN referentes à educação sexual nas escolas, como gravidez na adolescência, primeira relação sexual, dentre outros. Para esta pesquisa, foi solicitado que os participantes respondessem, a partir de uma escala Likert, o quão adequado seria abordar essas temáticas, sendo que 1 corresponde à “completamente inadequado” e 5 corresponde à “totalmente adequado”.

Procedimentos

A pesquisa foi realizada de forma on-line sendo divulgada por meio de redes sociais e aplicativos de mensagem instantânea. Foi apresentado aos participantes, por meio de um formulário on-line, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, o qual continha informações sobre o voluntariado, o anonimato da pesquisa, perspectiva de duração, quanto aos baixos riscos físicos, psicológicos e morais durante a pesquisa e o e-mail de um dos responsáveis pela pesquisa caso houvesse alguma dúvida ou feedback.

Após concordar, os participantes deveriam responder os dados sociodemográficos. Em seguida, foram direcionadas para uma seção do formulário onde deveriam responder oito itens em uma escala Likert referentes às atitudes perante a educação sexual. Por último, os participantes deveriam responder o quão adequado seria abordar temas referentes à educação sexual em um ambiente escolar. Após responderem à pesquisa, os participantes foram direcionados para uma página de agradecimento e a pesquisa foi finalizada. Os dados foram analisados por meio do software SPSS versão 20.0.

Resultados

Inicialmente, buscando testar a relação entre identidade política e atitude perante a educação sexual, foi conduzido um teste de correlação de Pearson em que se verificou que quanto mais à direita, mais negativa é a atitude do indivíduo diante da educação sexual, $R = -0,31$, $p < 0,001$.

Além disso, procurou-se testar a relação de variáveis sociodemográficas com a atitude perante a educação sexual. Sobre o gênero, verificou-se que mulheres indicaram uma atitude mais favorável à educação sexual ($M = 4,42$; $DP = 0,44$) se comparado aos homens ($M = 4,22$; $DP = 0,63$), $F(1,207) = 6,10$, $p = 0,014$, $\eta^2p = 0,03$. Foi testada também a relação entre idade e atitude perante a educação sexual, não tendo sido encontradas relações significativas ($R = -0,05$, $p = 0,488$).

Buscou-se testar também a relação entre as variáveis de crenças religiosas (limitando-se para esta análise entre religião católica, evangélica e pessoas sem religião) e as atitudes perante a educação sexual, $F(2,174) = 6,48$, $p = 0,002$, $\eta^2p = 0,07$, tendo sido encontradas diferenças significativas. Conforme visualizado na Figura 1, pessoas sem religião possuem uma atitude sexual levemente mais positiva se comparada a outros grupos.

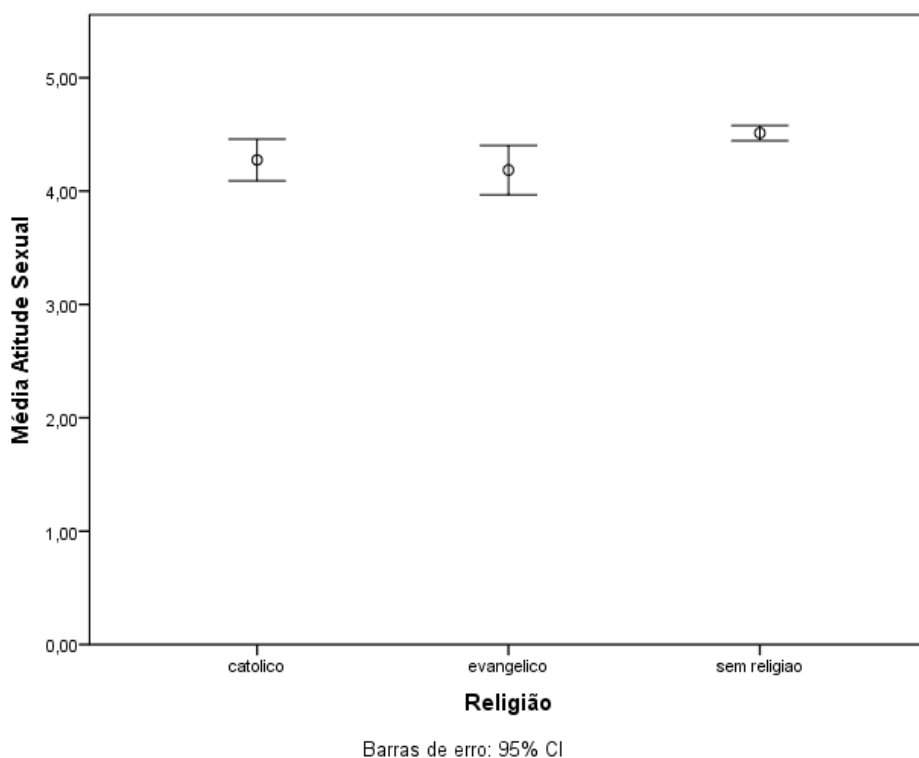


Gráfico I - Relação das médias entre atitude sexual e religião.

Adicionalmente, foi examinada a visão das pessoas sobre quais temas seriam pertinentes de serem trabalhados no âmbito da educação sexual. Os resultados podem ser visualizados na Tabela 1.

Tabela 1 - Média e desvio padrão dos temas relacionados à educação sexual.

Temática	Média	Desvio Padrão
Aborto	4,54	0,88
Abstinência sexual	3,50	1,47
Abuso sexual	4,31	1,44
Amor	4,59	0,88
Ejaculação	4,59	0,85

Ciclo menstrual	4,91	0,39
Comportamentos sexuais de risco (ex.: comportamentos que afetam o bem-estar ou que causam problemas graves de saúde)	4,37	1,34
Corpo masculino	4,85	0,55
Corpo feminino	4,84	0,57
Concepção e gravidez	4,84	0,56
Contracepção	4,90	0,45
Contracepção de emergência	4,71	0,74
Decisões responsáveis	4,93	0,42
Erotismo	3,94	1,40
Funcionamento sexual masculino	4,69	0,75
Funcionamento sexual feminino	4,69	0,75
Gravidez na adolescência	4,54	1,09
Homossexualidade	4,68	0,83
Importância do acompanhamento médico para jovens	4,93	0,36
Infecções sexualmente transmissíveis (IST)	4,50	1,26
Legislação existente	4,57	0,94
Masturbação	4,10	1,27
Preservativos	4,95	0,36
Primeira relação sexual ff	4,59	0,97
Relações sexuais	4,58	0,99
Sexo oral	3,91	1,41
Sexo anal	3,79	1,45
Sonhos eróticos	3,45	1,49

Fonte: elaborada pelos autores.

De forma geral, é possível identificar que há uma percepção de alta relevância para a maioria dos temas, na medida em que os valores das atitudes foram elevados, considerando que a escala oscila de 1 a 5. Salienta-se apenas os temas que tiveram menores médias, sendo eles: abstinência sexual, erotismo, sexo oral, sexo anal e sonhos eróticos. Porém, apesar de apresentar menores médias, a relevância dessas temáticas está acima do ponto médio da escala.

Discussão

O presente estudo buscou investigar a relação entre identificação política e a atitude das pessoas diante da educação sexual. Para atingir esse objetivo, formulou-se como hipótese que pessoas com identificação política à esquerda seriam mais favoráveis à educação sexual e, conseqüentemente, teriam uma atitude positiva perante a educação sexual.

A partir dos resultados, a hipótese foi corroborada. Percebe-se que quanto mais à direita, mais negativa é a atitude do indivíduo diante da educação sexual, entrando, assim, em consonância com Kantor e Levitz (2017), que indicam que os Republicanos – partido mais conservador à direita nos EUA – possuem uma adesão levemente menor ao ensino de educação sexual nas escolas. Nesse sentido, pode-se fazer um paralelo com os estudos de Maio, Oliveira e Peixoto (2018), em que pessoas que seguem os preceitos derivados da direita podem disseminar discursos preconceituosos e, por consequência, acreditam que as ações educacionais devem ser pautadas no conservadorismo e na ideologia religiosa.

Ademais, Ribeiro e Monteiro (2019) mostram que o conservadorismo, presente direta e indiretamente nos discursos de direita, pode trazer mensagens antissexuais e contrárias à liberdade. A partir das eleições de 2018, novas políticas públicas foram criadas baseadas em princípios religiosos. Logo, isso indica que as atitudes referentes à educação sexual ficam em desvantagem quando esses princípios religiosos ocupam o centro do debate em relação à sexualidade.

Tal entendimento também foi testado na presente pesquisa, tendo sido identificado que pessoas sem religião apresentaram uma atitude mais positiva perante a educação sexual se comparado a católicos e evangélicos, conforme chama atenção Ribeiro e Monteiro (2019). Nessa mesma direção, de Jesus Santos e Trindade (2021) mostram que diversas temáticas relacionadas à sexualidade são consideradas insignificantes para o meio religioso e muitas vezes mulheres não são esclarecidas sobre preceitos básicos sobre seu corpo e são instigadas a abominar o assunto. Assim, percebe-se, que os valores pessoais sofrem influência de valores religiosos e, conseqüentemente, pessoas religiosas possuem maiores tabus em relação à temática (MAIA; RIBEIRO, 2011).

Além disso, os resultados do presente estudo evidenciam que mulheres são mais favoráveis à educação sexual quando comparadas a homens. Nesse sentido, esse fato pode ter relação com a concepção de Ressel (2003) que mostra que a sociedade ainda vivencia marcadores do que é o masculino e feminino. Por consequência, a sexualidade da mulher sofre diversos prejuízos mostrando um viés de proibição e negação quanto à sexualidade. Assim, de acordo com os resultados da pesquisa, foi possível notar que mulheres estão se voltando contra esses marcadores e apresentam atitude mais favorável diante da educação sexual.

Avaliou-se, também, as temáticas consideradas mais e menos adequadas em relação à educação sexual pelos participantes. Conforme os resultados apresentados, a maioria dos temas foram considerados relevantes, sendo que apenas quatro temáticas tiveram um escore um pouco menor: abstinência sexual, erotismo, sexo oral, sexo anal e sonhos eróticos. A partir disso, faz-se um paralelo com os conteúdos previstos no PCN em relação à educação sexual. Nesse documento, a sexualidade deve ser aprendida a partir da contextualização com o social e o cultural (BRASIL, 1997). Logo, diferentes temas devem ser abordados na sala de aula e entre eles a abstinência, o erotismo, os sonhos eróticos e o sexo oral e anal se tornam necessários dentro dos tópicos da educação sexual. Entretanto, os preceitos entendidos pelo sujeito em relação à educação sexual seguem, muitas vezes, uma lógica biologizante, como aponta Figueiró (2020) e, desse modo, a aprendizagem é limitada, focando em um ensino formal vinculado às famílias e às instituições religiosas.

Figueiró (2020) afirma que esse ensino tem como objetivo a transformação dos padrões referentes à sexualidade e ao social. Assim, o preparo dos educadores ao manejar esses assuntos é extremamente relevante nas temáticas que possuíram um menor escore no estudo, pois precisam transmitir a informação de forma positiva e educativa.

A presente pesquisa apresentou algumas limitações referentes à amostra. Uma delas foi a idade média, pois a maioria possuía cerca de 25 anos. Em pesquisas futuras, será necessário explorar pessoas com diferentes idades. Além disso, a amostra foi composta por grande parcela de mulheres. Logo, nos próximos estudos será necessário considerar uma maior diversidade de gênero dos participantes. Por fim, uma parcela significativa da amostra se identificou politicamente como esquerda. Assim, faz-se necessário investigar em pesquisas RBSH 2022, 33, e1062, 1-10

futuras uma maior diversidade de posicionamentos políticos.

Conclusão

Apesar das limitações, esta pesquisa contribuiu para uma maior compreensão da influência política na educação sexual e como as pessoas enxergam a relevância dos tópicos em educação. Maio, Oliveira e Peixoto (2018) afirmam que a sexualidade deve ser aprendida a partir não só do biológico, mas sim de uma visão ampla dos fatores culturais e políticos. Portanto, os resultados e investigações realizadas vão ao encontro dessa afirmação e sugerem que a atitude perante a educação sexual pode sofrer influência da identificação política do sujeito.

Por fim, conclui-se que as crenças religiosas, o gênero e o posicionamento político afetam a maneira de se enxergar temáticas no âmbito da educação sexual. Além disso, influencia na adesão ao ensino de alguns desses temas. Vale mencionar que o ensino de tais pautas não precisaria ser mais uma pauta de um país polarizado visto que deveria ser guiada por evidências científicas e implementada por educadores devidamente capacitados para tal.

Referências

- ALVARO, D. C. *Educação sexual: perspectivas de estudantes de graduação de psicologia e pedagogia*. Orientadora: Maria Jaqueline Coelho Pinto. 2018. 85 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Psicologia) - Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto, São José do Rio Preto, 2018. Disponível em: <http://bdtd.famerp.br/handle/tede/544>. Acesso em: 11 jul. 2022.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: pluralidade cultural, orientação sexual*. Brasília : MEC/SEF, 1997. 164p. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro101.pdf>. Acesso em: 11 jul. 2022.
- BRASIL. Supremo Tribunal Federal. *Lei municipal que proíbe ensino sobre questões de gênero é inconstitucional*. Brasília : Portal STF, 29 de Abr. de 2020. Disponível em: <https://portal.stf.jus.br/noticias/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=442331&ori=1>. Acesso em: 03 jul. 2022.
- FIGUEIRÓ, M. N. D. *Formação de educadores sexuais: adiar não é mais possível*. 2 ed. Londrina: Eduel, 2020a.
- FIGUEIRÓ, M. N. D. *Educação Sexual no dia a dia*. 2 ed. Londrina: Eduel, 2020b.
- GUIMARÃES, P.; LARA, B.; DIAS, T. 'Suportaria mais um pouquinho?'. The Intercept Brasil, São Paulo, 20 de Jun. de 2022. Disponível em: <https://theintercept.com/2022/06/20/video-juiza-sc-menina-11-anos-estupro-aborto/>. Acesso em: 03 jul. 2022.
- JESUS SANTOS, D. L.; TRINDADE, J. S. F. Educação, sexualidade e religião: (des)colonizando corpos femininos. *Revista de Comunicação e Linguagens*, n. 54, 2021. Disponível em: <https://rcl.fcsh.unl.pt/index.php/rcl/article/view/120/103>. Acesso em: 11 jul. 2022.
- KANTOR, L.; LEVITZ, N. Parents' views on sex education in schools: How much do Democrats and Republicans agree?. *PLoS one*, v. 12, n. 7, p. e0180250, 2017. Disponível em: <https://journals.plos.org/plosone/article?id=10.1371/journal.pone.0180250>. Acesso em: 11 jul. 2022.
- LYU, J.; SHEN, X.; HESKETH, T. Sexual knowledge, attitudes and behaviours among undergraduate students in China implications for sex education. *International journal of environmental research and public health*, v. 17, n. 18, p. 6716, 2020. Disponível em: <https://www.mdpi.com/1660-4601/17/18/6716/htm>. Acesso em: 11 jul. 2022.
- MAIA, A. C. B.; RIBEIRO, P. R. M. Educação sexual: princípios para ação. *Revista Paulista de Psicologia e Educação*, v. 15, n. 1, p. 75-84, 2011. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/124985>. Acesso em: 11 jul. 2022.

MAIO, E. R.; OLIVEIRA, M.; PEIXOTO, R. Formação em gênero e educação para a sexualidade: considerações acerca do papel da escola. *Revista Nupem*, v. 10, n. 20, p. 51-62, 2018. Disponível em: <http://200.201.12.34/index.php/nupem/article/view/5566/3591>. Acesso em: 11 jul. 2022.

MANDELLI, M. *O caso Klara Castanho e o horror do engajamento irresponsável*. Folha de São Paulo, São Paulo, 30 de jun. 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2022/06/o-caso-klara-castanho-e-o-horror-do-engajamento-irresponsavel.shtml>. Acesso em: 03 Jul. 2022.

REIS, M. H.; VILAR, D. A implementação da educação sexual na escola: Atitudes dos professores. *Análise Psicológica*, v. 22, n. 4, p. 737-745, 2004. Disponível em: <http://publicacoes.ispa.pt/publicacoes/index.php/ap/article/view/273/pdf>. Acesso em: 11 jul. 2022.

RESSEL, L. B. *Vivenciando a sexualidade na assistência de enfermagem: um estudo na perspectiva cultural*. 2003. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/83/83131/tde-28102004-102256/publico/Tese.pdf>. Acesso em: 11 jul. 2022.

RIBEIRO, P. R. M.; MONTEIRO, S. A. S. Avanços e retrocessos da educação sexual no Brasil: apontamentos a partir da eleição presidencial de 2018. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, Araraquara, v. 14, n. 2, p. 1254-1264, 2019. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/12701>. Acesso em: 11 jul. 2022.

SHIN, H.; LEE, J. M.; MIN, J. Y. Sexual knowledge, sexual attitudes, and perceptions and actualities of sex education among elementary school parents. *Child Health Nursing Research*, v. 25, n. 3, p. 312, 2019. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC8650966/>. Acesso em: 11 jul. 2022.

SOUSA, F. R. Resistir para existir: aportes freireanos para uma educação sexual transgressora e emancipadora. *Praxis educativa*, v. 16, p. 1-18, 2021. Disponível em: <https://www.revistas.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/16462/209209213880>. Acesso em: 11 jul. 2022.

VIANNA, C. Gênero, sexualidade e políticas públicas de educação: um diálogo com a produção acadêmica. *Pro-Posições*, v. 23, p. 127-143, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pp/a/rW3yDdWmBRDBH89DvFTRbxG/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 11 jul. 2022.

VIEIRA, P. M.; MATSUKURA, T. S. Modelos de educação sexual na escola: concepções e práticas de professores do ensino fundamental da rede pública. *Revista Brasileira de Educação*, v. 22, p. 453-474, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/LVjDxGRKtkZTwX4kSNzmQ8v/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 11 jul. 2022.

Recebido em: 14/07/2022

Aprovado em: 17/10/2022